



EXAME DISCURSIVO 2ª FASE

30/11/2014

LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA BRASILEIRA

CADERNO DE PROVA

Este caderno, com dezesseis páginas numeradas sequencialmente, contém dez questões de Língua Portuguesa/Literatura Brasileira.

Não abra o caderno antes de receber autorização.

INSTRUÇÕES

1. Verifique se você recebeu mais dois cadernos de prova.
2. Verifique se seu nome, seu número de inscrição e seu número do documento de identidade estão corretos nas sobrecapas dos três cadernos.

Se houver algum erro, notifique o fiscal.

3. Destaque, das sobrecapas, os comprovantes que têm seu nome e leve-os com você.
4. Ao receber autorização para abrir os cadernos, verifique se a impressão, a paginação e a numeração das questões estão corretas.

Se houver algum erro, notifique o fiscal.

5. Todas as respostas e o desenvolvimento das soluções, quando necessário, deverão ser apresentados nos espaços apropriados, com caneta azul ou preta de corpo transparente.

Não serão consideradas as questões respondidas fora desses espaços.

INFORMAÇÕES GERAIS

O tempo disponível para fazer as provas é de cinco horas. Nada mais poderá ser registrado após o término desse prazo.

Ao terminar, entregue os três cadernos ao fiscal.

Nas salas de prova, não será permitido aos candidatos portar arma de fogo, fumar, usar relógio, óculos escuros ou boné, chapéu, viseira ou gorro de qualquer tipo, bem como utilizar lápis, canetas de material não transparente, corretores ortográficos líquidos ou similares.

Será eliminado do Vestibular Estadual 2015 o candidato que, durante a prova, utilizar qualquer instrumento de cálculo e/ou qualquer meio de obtenção de informações, eletrônicos ou não, tais como calculadoras, agendas, computadores, rádios, telefones, receptores, livros e anotações.

Será também eliminado o candidato que se ausentar da sala levando consigo qualquer material de prova.

TEXTO I

A SECRETÁRIA

Procuro um documento de que preciso com urgência. Não o encontro, mas me demoro a decifrar minha própria letra, nas notas de um caderno esquecido que os misteriosos movimentos da papelada pelas minhas gavetas fizeram vir à tona.

5 Isso é que dá encanto ao costume da gente ter tudo desarrumado. Tenho uma secretária que é um gênio nesse sentido. Perdeu, outro dia, cinquenta páginas de uma tradução.

Tem um extraordinário senso divinatório, que a leva a mergulhar no fundo baú do quarto da empregada os papéis mais urgentes; rasga apenas o que é estritamente necessário guardar, mas conserva com rigoroso carinho o recibo da segunda prestação de um aparelho de rádio, que comprei em S. Paulo em 1941. Isso me fornece algumas emoções líricas inesperadas: quem
10 não se comove de repente quando está procurando um aviso de banco e encontra uma conta de hotel de Teresina de quatro anos atrás, com todos os vales das despesas extraordinárias, inclusive uma garrafa de água mineral? Caio em um estado de pureza e humildade; tomar uma água mineral em Teresina, numa saleta de hotel, quatro anos atrás...

Não importa que ela faça sumir, por exemplo, minha carteira de identidade. Afinal estou cansado
15 de saber que sou eu mesmo; não me venham lembrar essa coisa, que me entristece e desanima. Prefiro lembrar esse telefone de Buenos Aires que anotei, com letra nervosa, em um pedaço de maço de cigarros, ou guardar com a maior gravidade esse bilhete que diz: "Estive aqui e não te encontrei. Passo amanhã. S." Quem é esse "S." ou essa "S." e por que, e onde e quando procurou minha humilde pessoa? Que sei? Era, afinal, uma criatura humana, alguém que me
20 procurava. Lamento que não estivesse em casa. Espero que eu tenha tratado bem a "S.", que "S." tenha encontrado em mim um apoio e não uma decepção – e que ao sair de minha casa ou de meu quarto do hotel tenha murmurado consigo mesmo – "o Rubem é um bom sujeito".

Há papéis de visão amarga, que eu deveria ter rasgado dez anos atrás; mas a mão caprichosa de
25 minha jovem secretária, que o preservou carinhosamente, não será a própria mão da consciência a me apontar esse remorso velho, a me dizer que devo lembrar o quanto posso ser inconsciente e egoísta? Seria melhor talvez esquecer isso; e tento me defender diante desse papel velho que me acusa do fundo do passado. Não, eu não fui mau; andava tonto; e pelo menos era sincero.

Mas para que diabo tomei tantas notas sobre a produção de manganês – e por que não mandei
jamais esta carta tão afetuosa, tão cheia de histórias e tão longa a um amigo distante?

30 Meus arquivos, na sua desordem, não revelam apenas a imaginação desordenada e o capricho estranho da minha secretária. Revelam a desarrumação mais profunda, que não é de meus papéis, é de minha vida.

Sim, estou cheio de pecados; e quando algum dia for chamado a um tribunal, humano ou
celeste, para me julgar, talvez a única prova a meu favor que encontre à mão seja essa pequena
35 nota com um PG a lápis e uma assinatura ilegível que atesta que – se respondi com frieza a muita bondade e paguei com ingratidão ou esquecimento algum bem que me fizeram – pelo menos, Senhor, pelo menos é certo que saldei corretamente a nota da lavagem de um terno de brim à lavanderia Ideal, de Juiz de Fora, em 1936... E esta certeza humilde me dá um certo consolo.

Rubem Braga
200 crônicas escolhidas. Rio de Janeiro: Record, 2009.

- 01** No terceiro parágrafo, o cronista descreve ironicamente o modo de trabalhar de sua secretária ao relatar alguns fatos e, logo depois, fazer reflexões sobre eles.
- Transcreva desse parágrafo a frase que assinala a passagem dos fatos às reflexões e, em seguida, justifique por que há ironia na expressão “com rigoroso carinho”.

- 02** O trecho contido nas linhas 28 e 29 combina características da fala espontânea e da linguagem poética.
- Cite a expressão que dá a esse trecho o tom da fala espontânea.
- Em seguida, reproduza o fragmento que apresenta uma característica da linguagem poética e identifique o recurso empregado pelo cronista com essa finalidade.

03

Meus arquivos, na sua desordem, não revelam apenas a imaginação desordenada e o capricho estranho da minha secretária. Revelam a desarrumação mais profunda, que não é de meus papéis, é de minha vida. (l. 30-32)

O parágrafo acima reapresenta um comentário que o cronista faz sobre si em outro parágrafo no início da crônica.

Transcreva do texto 1 a frase em que esse comentário é feito pela primeira vez e aponte as quatro palavras que, nos dois parágrafos, estão associadas a esse comentário.

TEXTO II

UMA SENHORA

(...)

A primeira vez que a vi, tinha ela trinta e seis anos, posto só parecesse trinta e dous, e não passasse da casa dos vinte e nove. Casa é um modo de dizer. Não há castelo mais vasto do que a vivenda destes bons amigos, nem tratamento mais obsequioso¹ do que o que eles sabem dar às suas hóspedes. Cada vez que D. Camila queria ir-se embora, eles pediam-lhe muito que ficasse, e ela ficava. Vinham então novos folguedos, cavalcadas, música, dança, uma sucessão de cousas 5 belas, inventadas com o único fim de impedir que esta senhora seguisse o seu caminho.

– Mamãe, mamãe, dizia-lhe a filha crescendo, vamos embora, não podemos ficar aqui toda a vida.

D. Camila olhava para ela mortificada, depois sorria, dava-lhe um beijo e mandava-a brincar com as outras crianças. Que outras crianças? Ernestina estava então entre quatorze e quinze 10 anos, era muito espigada², muito quieta, com uns modos naturais de senhora. Provavelmente não se divertiria com as meninas de oito e nove anos; não importa, uma vez que deixasse a mãe tranquila, podia alegrar-se ou enfadar-se. Mas, ai triste! há um limite para tudo, mesmo para os vinte e nove anos. D. Camila resolveu, enfim, despedir-se desses dignos anfitriões, e fê-lo ralada de saudades. Eles ainda instaram³ por uns cinco ou seis meses de quebra; a bela dama respondeu-lhes que era impossível e, trepando no alazão⁴ do tempo, foi alajar-se na casa dos trinta. 15

Ela era, porém, daquela casta de mulheres que riem do sol e dos almanaques. Cor de leite, fresca, inalterável, deixava às outras o trabalho de envelhecer. Só queria o de existir. Cabelo negro, olhos castanhos e cálidos⁵. Tinha as espáduas e o colo feitos de encomenda para os

vestidos decotados, e assim também os braços, que eu não digo que eram os da Vênus de
 20 Milo, para evitar uma vulgaridade, mas provavelmente não eram outros. D. Camila sabia disto;
 sabia que era bonita, não só porque lho dizia o olhar sorrateiro das outras damas, como por um
 certo instinto que a beleza possui, como o talento e o gênio. Resta dizer que era casada, que
 o marido era ruivo, e que os dois amavam-se como noivos; finalmente, que era honesta. Não o
 era, note-se bem, por temperamento, mas por princípio, por amor ao marido, e creio que um
 25 pouco por orgulho.

Nenhum defeito, pois, exceto o de retardar os anos; mas é isso um defeito? Há, não me lembra
 em que página da Escritura⁶, naturalmente nos Profetas, uma comparação dos dias com as águas
 de um rio que não voltam mais. D. Camila queria fazer uma represa para seu uso. No tumulto
 desta marcha contínua entre o nascimento e a morte, ela apegava-se à ilusão da estabilidade.
 30 Só se lhe podia exigir que não fosse ridícula, e não o era. Dir-me-á o leitor que a beleza vive
 de si mesma, e que a preocupação do calendário mostra que esta senhora vivia principalmente
 com os olhos na opinião. É verdade; mas como quer que vivam as mulheres do nosso tempo?
 (...)

Machado de Assis
Obra completa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962.

¹ obsequioso – gentil

² espigada – crescida

³ instar – insistir

⁴ alazão – um tipo de cavalo

⁵ cálidos – calorosos

⁶ Escritura – Bíblia

04

Não há castelo mais vasto do que a vivenda destes bons amigos, nem tratamento mais obsequioso do que o que eles sabem dar às suas hóspedes. Cada vez que D. Camila queria ir-se embora, eles pediam-lhe muito que ficasse, e ela ficava. Vinham então novos folguedos, cavalhadas, música, dança, uma sucessão de cousas belas, inventadas com o único fim de impedir que esta senhora seguisse o seu caminho. (l. 2-6)

Observe as formas verbais flexionadas do trecho acima: as duas primeiras, **há** e **sabem**, estão no tempo presente, ao passo que as restantes estão no tempo pretérito.

Apresente uma justificativa para o emprego de cada um desses diferentes tempos verbais e reescreva o trecho integralmente, passando todas as formas verbais pretéritas para o tempo presente, sem alterar os respectivos modos, pessoas e números.

05

No trecho em que enfatiza o retrato físico e moral de D. Camila (l. 16 a 20), o narrador adota dois procedimentos frequentes na prosa de Machado de Assis: o comentário sobre o estilo utilizado no texto e o emprego da ambiguidade em lugar da afirmação categórica.

Reproduza desse trecho os fragmentos correspondentes a cada um desses procedimentos.

06

quem não se comove de repente quando está procurando um aviso de banco e encontra uma conta de hotel de Teresina de quatro anos atrás, com todos os vales das despesas extraordinárias, inclusive uma garrafa de água mineral? (Texto I, l. 9-12)

A primeira vez que a vi, tinha ela trinta e seis anos, posto só parecesse trinta e dois, e não passasse da casa dos vinte e nove. (Texto II, l. 1-2)

Os trechos acima evidenciam maneiras diferentes de experimentar a passagem do tempo.

Explicitite o que o tempo representa para o protagonista em cada trecho.

07

“Estive aqui e não te encontrei. Passo amanhã. S.” Quem é esse “S.” ou essa “S.” e por que, e onde e quando procurou minha humilde pessoa? Que sei? (Texto I, l. 17-19)

Dir-me-á o leitor que a beleza vive de si mesma, e que a preocupação do calendário mostra que esta senhora vivia principalmente com os olhos na opinião. É verdade; mas como quer que vivam as mulheres do nosso tempo? (Texto II, l. 30-32)

Uma pergunta é um recurso de atividade comunicativa empregado, muitas vezes, com o propósito de pedir ao interlocutor uma informação. Não é esta, porém, a finalidade das frases interrogativas que ocorrem nas passagens acima.

Identifique o destinatário de cada uma das frases interrogativas. Em seguida, indique a finalidade da interrogação em cada passagem.

TEXTO III

O RELÓGIO

Quem é que sobe as escadas
 Batendo o liso degrau?
 Marcando o surdo compasso
 Com uma perna de pau?

5 Quem é que tosse baixinho
 Na penumbra da antessala?
 Por que resmunga sozinho?
 Por que não cospe e não fala?

Por que dois vermes sombrios
 10 Passando na face morta?
 E o mesmo sopro contínuo
 Na frincha¹ daquela porta?

Da velha parede triste
 No musgo roçar macio:
 15 São horas leves e tenras
 Nascendo do solo frio.

Um punhal feriu o espaço...
 E o alvo sangue a gotejar;
 Deste sangue os meus cabelos
 20 Pela vida hão de sangrar.

Todos os grilos calaram
 Só o silêncio assobia;
 Parece que o tempo passa
 Com sua capa vazia.

25 O tempo enfim cristaliza
 Em dimensão natural;
 Mas há demônios que arpejam²
 Na aresta do seu cristal.

No tempo pulverizado
 30 Há cinza também da morte:
 Estão serrando no escuro
 As tábuas da minha sorte.

Joaquim Cardozo

Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2007.

¹ frincha – abertura

² arpejar – tocar harpa

08

Deste sangue os meus cabelos (v. 19) / *Pela vida hão de sangrar*. (v. 20)

Mas há demônios que arpejam (v. 27) / *Na aresta do seu cristal*. (v. 28)

Os verbos sublinhados nesses exemplos estão flexionados na terceira pessoa – do plural ou do singular – de acordo com regras de sintaxe características da norma escrita culta da língua portuguesa.

Justifique a flexão de pessoa e número do verbo em cada ocorrência sublinhada.

09

As quatro estrofes iniciais representam, por diferentes imagens, o tique-taque contínuo do relógio no silêncio da noite. A quinta estrofe interrompe essa monotonia.

Identifique o verso desta estrofe que representa o soar da hora e nomeie a figura de linguagem nele empregada. Ainda com base na quinta estrofe, expresse em um enunciado completo a transformação sofrida pela aparência humana.

10

Comparando os textos 1, 2 e 3, percebe-se que o efeito do tempo é diferente em cada um deles.

Explique a particularidade do efeito da passagem do tempo no poema **O relógio**, tendo em vista a sua última estrofe. Em seguida, transcreva os dois versos da terceira estrofe que sugerem esse mesmo efeito.

